

SIMPÓSIO AT002

DEBATE REGRADO VIA WHATSAPP: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

CAVALCANTE, Francilene Leite (UNICAP/IFAL)
E-mail: talcavalcante@hotmail.com.

MACEDO, Idjane Mendes de Freitas(UNICAP)
E-mail: idjanemendes@bol.com.br

CAIADO, Roberta (UNICAP)
E-mail: roberta.caiado@unicap.br

Resumo: Este trabalho se propõe a discutir o gênero debate regrado, com a utilização do aplicativo *WhatsApp* (*WA*) como meio para garantir as interações ocorridas no desenvolvimento de atividades na turma do 4º ano do Ensino Integrado de uma escola da rede pública de educação. Para atingir tal fim, dispomo-nos a transcrever e analisar as interações de áudio ocorridas no debate, e identificar as diversas semioses presentes nas interações como marcas multimodais do debate regrado, via *WA*. A metodologia proposta é de natureza, predominantemente, qualitativa. Os *corpora* são resultantes das interações realizadas no debate regrado, via *WA*: áudio, mensagens de texto, imagens e *emoticons*. As bases epistemológicas que fundamentam o presente estudo dialogam com a teoria dialógica da linguagem (VOLOCHÍNOV, [1929] 2017), a teoria de gêneros na perspectiva dialógica (BAKHTIN, 2011), e na visão da Linguística Textual (MARCUSCHI, 2008); com a abordagem sobre os letramentos (STREET, 2014; SOARES, 2014) e os multiletramentos (Grupo de Nova Londres; ROJO, 2012, 2013), como também suas implicações para o ensino. Os resultados dessa pesquisa demonstram que o debate regrado, via *WA* é marcado pela manifestação da oralidade mais planejada e formal, pela escrita mais espontânea e menos monitorada e pelo uso intenso de intersemioses áudio-escrita-imagens-*emoticons*, que se configuram em um mosaico de semioses multimodais, que se (re)significam num mesmo espaço, no qual as várias linguagens não concorrem entre si, mas se complementam em busca da construção do sentido, procurando suprir as lacunas paralinguísticas.

Palavras-chaves: DEBATE REGRADO; WHATSAPP; INTERSEMIOSES.

Abstract: This work proposes to discuss the genre “debate ruled”, using the WhatsApp (*WA*) application as a means to allow the interactions that occurred in the development of activities in the 4th grade class of Integrated Education of a public education network. To achieve this goal, we are willing to transcribe and analyze the audio interactions occurred in the debate, and to identify the various semiosis present in the interactions like multimodal marks of the debate, via *WA*: audio, text messages, images and emoticons. The methodology proposed is predominantly qualitative. The corpora are result of interactions in the debate ruled, through *WA*: audio, text messages, images and emoticons. The epistemological bases that support the present study are in dialogue with the dialogical theory of language (VOLOCHINOV, [1929] 2017), the

theory of genres in the dialogical perspective (BAKHTIN, 2011), and in the vision of Textual Linguistics (MARCUSCHI, 2008); with the approach on literacy (STREET, 2014, SOARES, 2014) and the multiliteracies (New London Group, ROJO, 2012, 2013), as well as its implications for teaching. The results of this research demonstrates that the debate, through WA is measured by the manifestation of most planned and formal orality, the most spontaneous and less monitored writing and to the intense use of intersemioses audio-writing-images-emoticons, which are configured in a mosaic of multimodal semiosis, which are (re) measured in the same space, in which the various languages do not compete with each other, but complement themselves in the search of the construction of meaning, looking for additional paralinguistic gaps.

Keywords: DEBATE RULED; WHATSAPP; INTERSEMIOSES.

Introdução

A oralidade foi considerada, durante muito tempo, o lugar do caos e isso não se deu sem propósito. Por conter um número considerável de elementos pragmáticos foi identificada como o ambiente do “erro” e do improvisado. Essa realidade passou a seguir um novo rumo a partir de meados do século passado, quando a concepção de ensino de língua pôde ser vista através de outros enfoques além do estruturalista, o que levou em consideração não apenas a escrita, mas também a oralidade como fenômenos linguísticos.

Desde então, esse posicionamento, relativamente mais recente, foi desenvolvido com a intenção de trazer um novo ângulo à concepção de língua, o que embasou uma nova perspectiva para o ensino. Estamos nos referindo à linguística do século XX que foi bastante influenciada pelos pensamentos de Bakhtin e Volochínov. Foi o momento em que os estudiosos teceram uma série de críticas à língua vista somente como um fenômeno associado à descrição das formas linguísticas, categorias e classificações. No entanto, desde o final do século passado, assistimos a uma transformação no núcleo dos estudos da ciência da linguagem, pois os pesquisadores tiraram o foco da palavra e da frase fora de contexto, passando a dar a importância necessária aos textos com contextos situados, através dos gêneros, não minimizando seus estudos em relação à *forma* e ao *conteúdo*, mas vinculando-os, também, a uma perspectiva sócio-histórica.

Essa perspectiva aponta para Volochínov (2017) e Bakhtin (2011), cujo estudo do gênero considera a língua não como um sistema estável, mas como um lugar de interação, tendo em vista que, “o objetivo do falante é direcionado a um enunciado concreto pronunciado por ele” (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 177). Neste

contexto, estudiosos como Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), Marcuschi (2008), Fávero, Andrade e Aquino (2012), Dionísio, Machado e Bezerra (2007) dentre outros, têm-se voltado para questões acerca do ensino de gêneros orais no contexto escolar.

1. Algumas considerações sobre língua(gem), sujeito e gênero

É indispensável, antes de qualquer abordagem, deixar claro que estamos trazendo e assumindo uma concepção de língua como sendo “um processo ininterrupto de formação, realizado por meio da interação sociodiscursiva dos falantes.” (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 224). Esse posicionamento reflete a língua como sendo uma atividade sócio-histórica, cognitiva e sociointerativa, ou seja, a língua é contemplada em seu aspecto sistemático, mas observa seu funcionamento social, cognitivo e histórico, prevalecendo o conceito de que o sentido é construído situadamente, sendo um fenômeno encorpado e não cheio de abstração e autonomia (MARCUSCHI, 2008).

Koch (2011) afirma que a “concepção de sujeito da linguagem varia de acordo com a concepção de língua que se adote” (p.13). Assim, a concepção de sujeito por nós adotada se vale daquela que permeia a concepção de língua considerada por Bakhtin (2011), no que diz respeito ao sujeito participante ativo no processo de interação verbal. O posicionamento bakhtiniano se evidencia crítico à ideia de que o sujeito seja determinado pelo sistema, assujeitado, caracterizado por uma “não consciência” (KOCH, 2011, p. 14), de forma que, um discurso estaria sempre predeterminado ao já dito, ocupando ele um posicionamento passivo, submisso e neutro às outras vozes.

Diversos estudos se voltam para os gêneros e procuram ancorar em Bakhtin seus alicerces de sustentação. Como os gêneros discursivos estão essencialmente ligados ao campo de comunicação ao qual pertencem, eles passam a refletir as condições específicas e as finalidades desses campos através do *conteúdo* – assunto de que trata o enunciado em questão do estilo – seleção das escolhas linguísticas que irão compor o gênero – como também da *construção composicional* – que se refere à estrutura propriamente dita do gênero.

2. Encaminhamento metodológico

Com a finalidade de “conhecer” melhor a nova experiência do debate regrado, via *WA*, achamos por bem aplicá-lo em uma turma do 4º ano do curso de Edificações, do IFAL – *campus* Palmeira dos Índios. Para tanto, selecionamos dois fragmentos do debate e três *prints* de tela para a realização da referida análise.

Elegemos os seguintes materiais de análise: (i) interações via áudio; (ii) interações via mensagens de texto; e, (iii) interações via imagens/*emoticons*. Para as análises das interações via áudio, foram escolhidas duas sequências conversacionais (doravante, SC). Foi necessário transcrever essas SC a partir das normas de transcrição¹, com a finalidade de descrever e analisar as atividades de formulação do texto oral, segundo Fávero, Andrade e Aquino (2012). A escolha para o material das análises foi baseada em Caiado² (2016).

Numa turma com 28 alunos, 23 se fizeram presentes no momento que aconteceu o debate regrado, via *WA*, ou seja, 82% de sua totalidade. Isso demonstrou o interesse e a adesão dos alunos à metodologia de ensino-aprendizagem em língua portuguesa.

3. Análise dos dados a partir da aplicação do debate regrado via *WhatsApp*

3.1 Interações via áudio

Turno 01: Aluna1 (A1)

caro colega naian... afirmar... que alunos... depois de adentrar à faculdade... possam... se adequar ao nível de outros... que tiveram o ensino de base... superior ao deles é totalmente inadmissível... como... poder igualar... uma pessoa... que desde os seus três quatro anos de idade teve todas as oportunidades:: necessárias para o seu desenvolvimento físico e psicológico... com alguém que... começou a estudar em uma inst/instituição pública... com deficiência de estrutura... e total precariedade de ensino?... como esses dois alunos poderiam ser igualados?... é necessário... que a igualdade /se inicie na base... e não... na universidade... como fazer isso?... dessa forma que você falou?

Analisando o turno 01 – da aluna A1, podemos perceber, na própria transcrição, diversas pausas em relação à sua fala, a manutenção do tom de voz e a presença de algumas hesitações. Foi percebido, retorno aos argumentos proferidos por seu oponente, o que revela sua total atenção e interação no debate. Os argumentos utilizados por A2 foram usados por A1 para elaborar seus contra-argumentos, voltando o questionamento para A2.

¹ Elaboradas pelos pesquisadores do Projeto NURC/SP – Projeto da Norma Urbana Culta de São Paulo.

² Trabalho apresentado no XXXI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística – ANPOLL, em Campinas/SP, 2016. No prelo.

Defendemos que a hesitação percebida no turno 01 não se configura como um problema da oralidade, mas a ratificação da hipótese de que a aluna esteja elaborando e planejando o que vai ser dito simultaneamente à produção oral.

Turno 02: Aluno2 (A2)

sim:: mi::nha cara colega érika um... é necessário... que haja (uma) (equalização) na base... mas na atualidade... como os jovens que entram na faculdade de hoje por meio de cotas não tem/ não tiveram essa oportunidade... eles entram numa faculdade... pelo (mermo) sistema de cotas e tendem a valorizar AINDA MAIS a va/a sua vaga ele conseguiu em tal faculdade... por meio de/ um exemplo por meio de pesquisa da Unicamp... uma universidade de São Paulo... ele... eles ava/avali/avaliaram em dois mil e cinco... éh:::... os cursos... alguns cursos que eles ofertavam... e entre eles estava o curso de medicina que é um dos cursos mais respeitAdos de/do país... e constatou que alunos co-tis-tas:: tinham ao mesmo desempenho ou SUPERIOR a alunos não cotistas... isso prova que muitos alunos... quando entram por meio de cotas... tendem a valorizar ainda mais a sua vaga...

Analisando o turno 02 – do aluno A2, podemos perceber, na própria transcrição, diversas pausas em relação à sua fala, a manutenção do tom de voz, com adjacências de entonação ora ascendente, ora descendente, algumas enfáticas. O ritmo sempre interceptado por pausas constantes, truncamentos, repetição, silabação e alongamentos vocálicos.

Percebe-se que A2 esteja, efetivamente, elaborando e planejando a sua interação, simultaneamente, à produção oral. Esse trabalho cognitivo que se evidencia, no momento da produção do áudio, revela que essas hesitações são próprias do sujeito ativo que reflete acerca dos argumentos que deseja utilizar, visando se adequar às condições de produção exigidas no debate, que se evidencia na interação, a partir da fala pública formal.

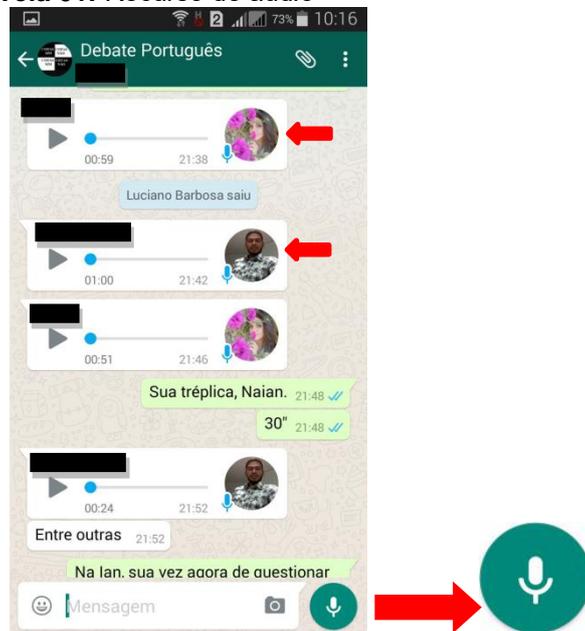
Um fator que nos chamou atenção foi o ambiente em que ocorreu a interação: um grupo no WA, criado com finalidade específica para a realização de debates regrados. O ambiente digital é considerado e utilizado pela maioria dos seus usuários de maneira informal, no entanto, esses usuários se encontram num contexto de produção em que precisavam interagir a partir de uma linguagem formal. Esse processo ficou evidenciado a partir das interações realizadas.

3.2. Identificação das semioses como marcas da multimodalidade

Na intenção de identificar as semioses ocorridas no debate, mostraremos, a seguir, algumas telas do debate, capturadas através de *smartphone*, de forma a

evidenciar as combinações das diversas intersemioses do áudio, da escrita, da imagem e dos *emoticons*, que funcionam como recursos que comportam o funcionamento do debate regrado via *WA*.

Tela 01: Recurso de áudio



O recurso gravação de áudio é um mecanismo operacional do aplicativo que permite as gravações, auxiliando o desenvolvimento e a continuidade das SC no debate, estabelecendo interação entre os participantes. Nesse contexto, configura-se como um recurso semiótico que se apresenta através do ícone mostrado acima, na tela do aplicativo. Ainda na tela 01 percebemos o elemento imagético no debate regrado via *WA*. O aplicativo permite que cada participante crie seu perfil com foto e status. Além da identificação de cada participante, o aplicativo permite também a identificação do grupo denominado “Debate Português”, o que demonstra a intencionalidade com a qual o grupo foi criado.

Apresentamos a seguir, o momento em que um participante ativo estava para enviar um áudio e por conta da conexão lenta esse envio demorou mais do que o habitual. A espera dos demais foi marcada com *emoticons*, enquanto a pessoa responsável pelo áudio se justificava com uma mensagem de texto, afirmando que o problema era com a conexão. Selecionamos duas telas para apresentar a sua ocorrência, num contexto menos formal em relação ao que é exigido nos áudios:



Tela 02: Identificação de *emoticons*



Tela 03: Identificação de *emoticons* 2



A espera, nesse caso, durou 11min, tempo relativamente curto, mas que para um aplicativo como o WA, de interação síncrona (na maior parte das interações), e para os demais que estavam aguardando para dar continuidade ao debate, a espera tornou-se cansativa. Nas interações, percebemos a presença de *emoticons* de riso, do olhar, da risada, do beijo, do espanto, da vergonha, do cansaço etc. na tentativa “driblar” os recursos paralinguísticos que se fazem presentes nas interações face a face.

As mensagens de textos, que tiveram uma utilização de 43,4% da totalidade dos alunos participantes do debate. Isso confirma que um dos recursos mais utilizados, neste contexto, são as mensagens de texto. Como visto nas análises dos áudios, os alunos mantiveram a formalidade na linguagem durante as suas gravações, porém quando queriam se afastar um pouco e, de certa forma, “transgredir” essa formalidade ou dar ênfase ao que queriam dizer (repetição de letras), enviavam uma mensagem de texto com linguagem informal, como se quisessem quebrar o nível de formalidade a que estavam submetidos.

Percebemos a necessidade dos alunos em “escapar” do nível de formalidade a que estavam expostos. O que muito nos chamou a atenção nessas análises é que, enquanto a oralidade foi a propiciadora da formalidade, a escrita, nesse caso, foi a responsável pela informalidade, descontração, bronca, elogios, agradecimentos, pedido de moderação e risadas.

Considerações Finais

Considerando as análises dos áudios ocorridos na aplicação do debate regrado via *WA*, pudemos evidenciar a nítida presença da perspectiva sociointeracionista, no sentido de corroborar contextos de produção situados com a realidade dos sujeitos envolvidos na produção e seus processos cognitivos e linguísticos na formulação das atividades interacionais. Quanto a isso corroboramos as ideias de Marcuschi (2010) que trata o fenômeno da língua como “interativo e dinâmico, voltado para as atividades dialógicas que marcam as características mais salientes da fala, tais como as estratégias de formulação em tempo real” (p. 33).

As interações realizadas no debate via *WA* são essencialmente multimodais, pois se utilizam recursos semióticos de som, imagem, texto e *emoticons*, integrando-se através das modalidades sensoriais (visual e auditiva). Ainda, segundo Fonte e Caiado (2014, p. 479), “as práticas discursivas no *WA* são permeadas por discursos multimodais e exigem sujeitos autônomos, ativos, intencionais, na medida em que deverão selecionar os modos semióticos para a constituição da tessitura discursiva.”

Dessa forma, os resultados obtidos nesse estudo permitem-nos, então, afirmar que o debate regrado, via *WA* é marcado pela manifestação da oralidade mais planejada e formal, pela escrita mais espontânea e menos monitorada e pelo uso intenso de intersemioses áudio-escrita-imagens-*emoticons*, que se configuram um mosaico de semioses multimodais, que se (re)significam num mesmo espaço, no qual as várias linguagens não concorrem entre si, mas se complementam em busca da construção do sentido, suprimindo lacunas paralinguísticas, tais como: gestos, emoções e expressões próprias da interação oral face a face.

Referências

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. Tradução feita do russo por Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011, p. 261-306.

CAIADO, R. V. R. **O trabalho com a oralidade em tecnologia digital móvel: debate regrado via whatsapp efeitos para a aprendizagem**. Trabalho apresentado no XXXI

Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística – ANPOLL, em Campinas/SP, 2016.

DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino** - 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. (trads.). **Gêneros orais e escritos na escola**. 3. Ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2004, p. 95-128.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FONTE, R. da; CAIADO, R. Práticas discursivas multimodais no *WhatsApp*: uma análise verbo-visual. **Revista Desenredo**. Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. v.10, n.02, jul/dez 2014, pp. 475 – 487. Disponível em: <http://www.upf.br/seer/index.php/rd/article/view/4147/3089>. Acesso em: 22.07.2015

KOCH, I. V. **Desvendando os segredos do texto**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ROJO, R. **Escola conectada: os multiletramentos e as TIC's**. São Paulo: Parábola, 2013.

ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. – 2. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, [1998] 2014.

STREET, B. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e a filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, ([1929] 2017), 376 p.